



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Flávia Pereira Serra

Universidade Estadual de Londrina
orcid.org/0000-0001-5905-4239
flavia.pereira.serra@uel.br

Conceição de Maria de A. Ramos

Universidade Federal do Maranhão
orcid.org/0000-0003-4554-8179
conciufma@gmail.com

Falares africanos no Maranhão: um glossário afro-maranhense

RESUMO: A herança africana, enraizada de forma incontestada na cultura maranhense, também se faz presente na língua falada no Maranhão; e é a língua que dá, por meio de seu léxico, testemunhos sobre a organização social e política, a cultura, as inovações tecnológicas, enfim, a forma de ser e de estar no mundo de determinado grupo social. Considerando essa realidade, este trabalho, de natureza geolinguística (CARDOSO, 2010), tem como objetivo registrar, no âmbito do léxico (ILARI; BASSO, 2014), a presença das línguas africanas no português falado no Maranhão, com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), com vistas à elaboração de um glossário. Foram considerados dados de 14 localidades que compõem a rede de pontos do ALiMA. O glossário, com 37 entradas, pretende contribuir para o conhecimento da sócio-história do português brasileiro, e privilegiar a promoção da cidadania, ao buscar resgatar a contribuição dos povos africanos para a formação do Brasil.

Palavras-chave: Léxico; Africanismos; Português falado no Maranhão.



INTRODUÇÃO

O Maranhão, estado brasileiro da região Nordeste, apresenta em sua história marcas que denunciam a contribuição de diferentes etnias, dentre elas as africanas, as quais deixaram vestígios na culinária, dança, cultura e também na linguagem, em especial no léxico utilizado na comunidade.

A grande incidência de palavras de origem africana no português maranhense pode ser explicada pelo fato de o Maranhão ter sido um dos maiores importadores de negros africanos na época da escravidão, atingindo seu ápice nos séculos XVIII e XIX, devido ao desenvolvimento da lavoura e de sua conseqüente necessidade de mão de obra, contribuindo, assim, para o crescimento da população negra no Estado, no período colonial.

Segundo Meireles (2001) e Santos Neto (2004), a maioria dos negros trazidos para o Maranhão era proveniente de Angola e dos reinos da África Ocidental, onde hoje estão localizadas a Nigéria, a Guiné-Bissau, Togo e o Benin. Eles pertenciam, majoritariamente, a três grupos étnicos:

o dos *sudaneses*, que engloba os nagôs ou iorubás, os jejes ou daomeanos e os fanti-ashanti;

o dos *bantos*, que compreende os angolas, congos, moçambiques e cambindas;

o dos *sudaneses islamizados*, que envolve os hauçás, tapas, mandingas e fulatas (SANTOS NETO, 2004, p. 99).

É, forte, portanto, a presença do negro no Brasil e no Maranhão, e a importância dessa presença, como é sabido, excede o âmbito da economia e se estende à realidade linguístico-cultural. As diversas línguas africanas que aqui chegaram são peças fundamentais na construção do mosaico multilíngue e multidialetal em que se constituiu o português brasileiro. Em se tratando da realidade linguístico-cultural e mais particularmente do léxico, foco deste estudo, convém ressaltar que esse componente da língua “[...] é o resultado da História de um povo, de seus contatos, da divisão internacional do trabalho num dado momento, da correlação de forças entre os diferentes países numa dada época.” (FIORIN, 2000, p. 114).

Buscando, então, contribuir com as discussões sobre os aportes lexicais das línguas africanas na variedade do português falado no Maranhão, este estudo objetiva investigar a presença de lexis africanas nessa variedade. Este objetivo basilar se



desdobra em três outros específicos: (i) investigar as relações das línguas africanas com o português brasileiro e em particular com a variedade falada no Maranhão, (ii) registrar a distribuição diatópica dessas lexias, (iii) fazer o reconhecimento semântico das lexias junto a falantes africanos e (iv) contribuir com a investigação das bases linguísticas do léxico da língua portuguesa.

Felizmente, após o fim da escravidão no século XIX, os africanos deixaram de ser trazidos à força ao Brasil, e, atualmente, por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), instituído pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, com o Decreto Nº 7.948, de 12 de março de 2013 (BRASIL, 2013), muitos têm a oportunidade de estudar em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. Dentre estas, inclui-se a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), instituição à qual o projeto Atlas Linguístico do Maranhão¹ (ALiMA) – âmbito desta pesquisa – está vinculado.

É válido destacar que esse Programa ofereceu condições para que pesquisadores do ALiMA tivessem contato direto com africanos oriundos de diversos países cuja língua oficial é o português, o que nos possibilitou investigar se, nesses países, nas variedades faladas desta língua que nos une, as lexias de origem africana registradas em nosso glossário apresentam as mesmas acepções.

176

AFRICANISMOS: A PRESENÇA AFRICANA NO NÍVEL LEXICAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O léxico, como reflexo da vida sócio-econômico-cultural de uma comunidade, é um sistema aberto, que se caracteriza por sua dinamicidade e maleabilidade, condição que proporciona a esse componente da língua melhor acolher contribuições provenientes de fontes diversas, renovar-se, modificar-se, mais ou menos rapidamente (FIORIN, 2000). Desse modo, as contribuições no nível lexical são o sinal mais recorrente quando se vivencia um processo de um contato linguístico; por isso, os empréstimos linguísticos, no nível lexical, podem ser considerados um dos principais

sinais de um contato linguístico, pois promovem o



enriquecimento vocabular de uma língua (ILARI; BASSO, 2014).

Além disso, os empréstimos linguísticos também comprovam como a língua está atrelada à história de uma sociedade. Para exemplificar, destacou-se aqui um evento social que marcou consideravelmente a história do Brasil: a importação de escravos africanos no período colonial, mais precisamente entre os séculos XVI e XIX, quando os negros africanos foram o pilar que sustentou o Brasil economicamente.

Quando importados, os africanos trouxeram consigo sua cultura, seus costumes e também suas línguas. Antes mesmo de atracarem no Brasil, ainda nos portos e navios, os negros escravizados, porque pertencentes a diferentes etnias e, conseqüentemente, falantes de línguas diferentes, já experienciavam, de certo modo, uma situação de contato linguístico. Ao desembarcarem, essa situação se adensava e, assim, para que houvesse comunicação, as trocas linguísticas foram inevitáveis, principalmente no âmbito lexical, como explicam Puzzinato e Aguilera (2007, p. 3):

Como os negros africanos não conheciam nosso léxico, passaram a denominar coisas à sua volta com termos de sua própria língua, assimilando uma estrutura gramatical simplificada do português e ocasionando interferências linguísticas na língua portuguesa.

Um dos resultados dessas interferências são os africanismos, termo usado para designar “palavras ou expressões de algumas das línguas africanas” (FERREIRA, 1999, p. 60) e “construções ou expressões tomadas de empréstimo de qualquer das línguas africanas” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 107). Os africanismos fazem parte da história do português brasileiro desde o período de sua formação. Muitas palavras que compõem o acervo lexical do português brasileiro, e ressalta-se neste artigo o português maranhense, tiveram sua origem em línguas étnicas africanas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que o glossário fosse elaborado, foram seguidos os seguintes passos:

- (i) Identificação questões do Questionário Semântico-Lexical do ALiMA (QSL) que suscitam o aparecimento de lexias de base africanaⁱⁱ;



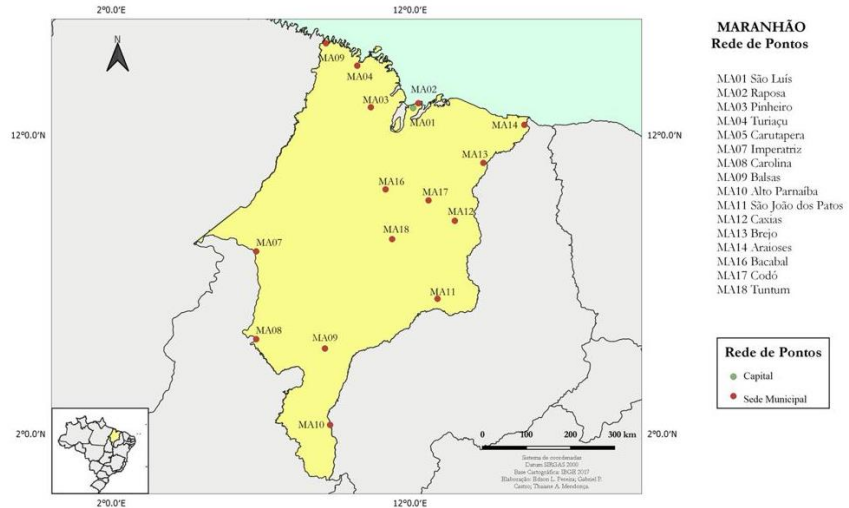
- (ii) Levantamento, no banco de dados do ALiMA, com base no QSL, das lexias (e suas variantes) oriundas de línguas africanas;
- (iii) Recorte do QSL, formado apenas pelas questões selecionadas anteriormente. Esse recorte foi aplicado a seis estudantes africanos, falantes da língua portuguesa e participantes do Programa PEC-G na UFMA. Os informantes estão divididos igualmente por três localidades: Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Angolaⁱⁱⁱ. O momento da entrevista contou com a aplicação do questionário, verificação do reconhecimento das lexias previamente identificadas e de sua equivalência semântica, e com o preenchimento da Ficha do Informante, elaborada com base na ficha utilizada pelo ALiMA. Nessa ficha, incluímos o campo *Língua*, para que os entrevistados pudessem registrar informações sobre a(s) língua(s) de seu país de origem e por ele dominada(s), quer se tratasse da língua oficial, nacional, étnica e de contato.
- (iv) E, por fim, elaboramos o glossário afro-maranhense.

178

Para a realização da pesquisa, foram selecionados dados de 14 municípios que compõem a rede de pontos linguísticos do ALiMA. São eles: São Luís (MA 01), Pinheiro (MA 03), Turiaçu (MA 04), Imperatriz (MA 07), Carolina (MA 08), Balsas (MA 09), Alto Parnaíba (MA 10), São João dos Patos (MA 11), Caxias (MA 12), Brejo (MA 13), Araisos (MA 14), Bacabal (MA 16), Codó (MA 17) e Tuntum (MA 18), apresentadas na Figura 1^{iv}, a seguir.



Figura 1. Mapa com a distribuição dos pontos linguísticos do Projeto ALiMA
ATLAS LINGÜÍSTICO DO MARANHÃO - ALiMA



Fonte: Base de dados do Projeto ALiMA.

A ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO AFRO-MARANHENSE

O glossário foi desenvolvido no âmbito do ALiMA, projeto de natureza geolinguística que investiga as particularidades do português falado no Maranhão nos diversos níveis linguísticos e também sob diferentes vertentes de estudos, dentre as quais destacamos a vertente “Manifestações culturais de raízes africanas no Maranhão”, em que se insere este trabalho. A criação dessa vertente justifica-se pela baixa valorização dos aportes africanos no PB. Ramos (2016, p. 70), com base em Castro (2001), assinala os possíveis motivos dessa desvalorização:

- a) a visão eurocêntrica que é imposta a essa herança pela sociedade brasileira, a partir das camadas economicamente favorecidas que detêm o poder de mando político sobre a coletividade, submetendo,
- b) conseqüentemente, a coletividade a um sistema de ensino conservador e elitista que privilegia as civilizações europeias e rechaça ou relega a um plano inferior as culturas negro-africanas;
- c) o princípio tácito – vigente no mundo ocidental, fundado na supremacia da escrita sobre a oralidade – de não admitir que línguas de tradição oral possam exercer influência sobre uma língua de reconhecido prestígio literário.

Dessa forma, a investigação dos aportes africanos ao português brasileiro se torna imprescindível para ampliar nosso conhecimento acerca de nossa realidade

linguístico-cultural, oferecendo, portanto, subsídios para elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

O glossário, como ressalta Correia (2009, p. 132). “(...) visa a descrição de um vocabulário restrito fornecendo para cada entrada um conjunto elementar de informações. É de dimensões menores que um dicionário (...)”. Em síntese: diferentemente dos dicionários gerais da língua, os glossários são um tipo de obra lexicográfica especializada que visa detalhar uma área lexical mais restrita, como, por exemplo, o glossário aqui apresentado, que abarca apenas termos de origem africana que compõem o léxico do português brasileiro. Além desse aspecto, este glossário adota uma perspectiva etimológica, visando sempre a colaboração africana ao português brasileiro. Materiais como esse são relevantes, pois podem oferecer subsídios para um ensino-aprendizagem interdisciplinar da língua portuguesa, uma vez que o conhecimento mais amplo e fundamentado da dimensão africana do português brasileiro, e em particular da variedade falada no Maranhão, é fundamental.

Para sua elaboração, foi feito primeiramente um estudo teórico na área da Lexicologia e da Lexicografia, observando, principalmente, os trabalhos de Correia (2009) Lara (2004) e Isquierdo (2007), que tratam da classificação e organização de um glossário. A seguir, foi feita uma listagem das lexias que comporiam os verbetes do glossário e, posteriormente, foram elaboradas suas definições, tendo como base o conceito apresentado nas questões do QSL do ALiMA selecionadas para esta pesquisa. Após esse processo, as entradas^v foram classificadas gramaticalmente, bem como sua etimologia, com base nos trabalhos de Castro (2001), Lopes (1993-1995) e Houaiss e Villar (2001).

Aos verbetes, foram acrescentadas informações fornecidas pelos falantes africanos entrevistados. Vale, contudo, ressaltar que nem todos os verbetes apresentam comentários, pois nem todas as lexias foram reconhecidas pelos africanos entrevistados.





Apresentação do glossário

A microestrutura do verbete foi organizada da seguinte forma:

entrada + categoria gramatical + definição(ões) ou remissiva de equivalência semântica *Ver* + processo de formação do vocábulo, em casos de hibridismo + etimologia + comentários de falantes africanos, quando houver + localidades em que a lexia foi registrada.

Abreviaturas utilizadas nos verbetes são:

- adj – adjetivo
- adj.2gen – adjetivo comum de dois gêneros
- s.2 gen – substantivo comum de dois gêneros
- s.f. – substantivo feminino
- s.m. – substantivo masculino
- pl. – plural
- Var. – Variante
- Port. – Português
- Afri. – Africanismo
- HIB. – hibridismo
- ETM – etimologia
- IA – comentários elaborados com base nas informações dada pelos africanos entrevistados
- LOC – localidade em que a lexia foi registrada

181

Falares africanos: um glossário afro-maranhense

Angola *s.f.* Ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas.

ETM. Castro (2001, p. 153) afirma vir do quimbundo *Ngóolá/ Ángoola*. Para a autora, a lexia se refere ao país no sudoeste da África, na costa do Atlântico, de povos linguísticos banto, entre os quais se destacaram no Brasil os de falares quimbundo, quicongo e umbundo. Lopes (1993-1995, p. 32) afirma provir do quimbundo



Ngola, ‘nome do primeiro Rei dos angolenses’. O autor, ao contrário de Castro, remete à ave galinha d’angola. O Dicionário Houaiss afirma que a lexia é oriunda do quimbundo *Ngola*, que significa ‘nome da região’ e, além de outras denominações, também faz referência à ‘galinha-d’Angola’ (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 219).

IA. O termo *angola*, atribuído à ave, não foi reconhecido com esta mesma acepção pelos informantes angolanos. Falantes guineenses e cabo-verdianos referem-se à ave como *Galinha do Mato*.

LOC: Bacabal.

Angolista *s.f.* Ver *Angola*.

HIB. Afri. *Angola* + Port. *-ista*.

ETM. (cf. *Angola*).

IA. (cf. *Angola*).

LOC. Imperatriz, Carolina.

Angu *s.m* Papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela.^{vi}

ETM. Castro (2001, p. 154) supõe ser de origem kwa, do fon *àgun*, que significa ‘pirão de inhame ou de mandioca sem tempero’. A autora, no entanto, define *angu* como ‘pirão feito com farinha’ e ‘mistura, coisa confusa e mal feita’. Lopes (1993-1995, p. 33) supõe que a lexia pode vir do quimbundo *mangu* ou *angu*, ou proveniente de algumas línguas africanas que apresentam o radical *ngu*, que ele supõe significar ‘milho’. Houaiss e Villar (2001, p. 219) afirmam ser *angu* de origem africana, porém de étimo controverso e o definem como “massa espessa que se faz misturando, ao fogo, farinha de milho (fubá), de mandioca ou de arroz, com água e às vezes, sal”.

IA. Os informantes africanos deram ao alimento o nome de *papa*, uma vez que, para eles, qualquer mistura cremosa recebe este nome, o que indica que não existe um nome específico para a mistura.

LOC. Alto Parnaíba.

Banguela *adj.2 gen.* Pessoa que não possui dentes.

ETM. Castro (2001, p. 168) afirma ser de origem banto, do quicongo (*ki*)*bangala*, que significa ‘fenda (nos dentes)’. Lopes (1993-1995, p. 42), por sua vez, supõe provir do topônimo *Banguela*, que faz referência a São Felipe de Banguela, em Angola,



grande porto de escravaria para o Brasil. Muitos escravos vindos dali não tinham os dentes da frente, portanto, foram denominados 'pretos benguela'. Houaiss e Villar (2001, p. 396) afirmam vir do mesmo topônimo e informam que o nome se refere ao fato de o povo benguela, no passado, costumar limar os dentes incisivos.

IA. Para os guineenses entrevistados, pessoas que não têm dentes são conhecidas como *n'hapatihalú*; para os angolanos, *kabobo*, *camabuim*, *desdentado*; e para os cabo-verdianos, *motcha* e *desdentado*.

LOC: São Luís, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araiões, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Bode s.m. Período no qual as mulheres perdem sangue todos os meses. Expressão *estar de bode*.

ETM. Castro (2001, p. 177) supõe vir do quicongo *mbodi* ou do quimbundo *mobdi*; enquanto Lopes (1993-1995, p. 48) é menos preciso, afirmando ser de origem banto, porém sem étimo definido. Ao contrário de Castro, que associa a *lexia* apenas ao período menstrual, Lopes apresenta outras definições, como a referência ao animal macho da cabra, a mulato ou mestiço e também a um estado de sonolência, causado geralmente por substâncias ilícitas. Houaiss e Villar (2001, p. 475) definem a expressão 'sangrar o bode' como o período menstrual. Os autores afirmam que a *lexia bode* tem origem obscura e que é de provável origem pré-romana.

IA. Para se referir a este período, os informantes guineenses e angolanos responderam *misturação*, *menstruação*; e os cabo-verdianos, *menstruação*, *xica* e *período*.

LOC. São Luís, Turiaçu, Imperatriz, Brejo e São João dos Patos.

Birita: s.f. Bebida alcoólica feita com cana-de-açúcar.

ETM. Lopes (1993-1995, p.48) supõe provir de *jeribita*, termo possivelmente africano, de acordo com Nascentes. Houaiss e Villar (2001, p. 459) dizem ser de origem obscura e o definem como 'aguardente de cana; cachaça'. Castro (2001), no entanto, não registra a *lexia* em seu glossário.

IA. Os informantes guineenses nomeiam a bebida como *cana* e *aguardente*; os angolanos a chamam de *capuca*, *caporrote*, e os falantes cabo-verdianos a nomeiam *grogue* e *aguardente*.



LOC. Carolina.

Cachaça: *s.f.* Ver *Birita*.

ETM. Castro (2001, p. 185) afirma ser de origem banto, do quicongo *kisaka*, que significa ‘água ardente, que fermenta, excitante’. Lopes (1993-1995, p.58) supõe ser de origem banto, porém sem étimo determinado, por isso, remete a várias outras lexias, como *kachasu* – do nhungue –, que significa ‘aguardente’, *katsatsa kothifuka* – do nianja –, *katcáso* – do macua–, *kacasu* – do nianja –, *machacha* – do quimbundo. O autor define a lexia da mesma forma que se encontra registrada neste glossário. Houaiss e Villar (2001, p. 550) afirmam que o vocábulo tem origem obscura, apresentando várias definições, dentre as quais se destaca “bebida fermentada feita de borra (‘substância’) do caldo de cana, ou do cabaú (‘calda grossa’), e servida aos animais e aos escravos dos antigos engenhos”.

LOC. São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum e Codó.

Caçula *adj.* 2^{gen} O filho que nasceu por último.

ETM. Castro (2001, p. 187) afirma ser de origem banto, possivelmente do quicongo *kasuka*, do quimbundo *kasule*, ou do umbundo *okwasula*. Lopes (1993-1995, p. 59) e Houaiss e Villar (2001, p. 555) supõem provir do quimbundo *kasule*, ‘último filho’.

IA. Para se referir ao filho que nasceu por último, os angolanos utilizam as variantes *ndengue*, *kasula*, *cassulê*; os guineenses, *kodé*; e os cabo-verdianos, *codé*, no crioulo, e *caçula*, no português.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araioses, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Cacunda *s.f.* Deformidade na coluna vertebral que causa um aumento na estrutura óssea. Corcova; calombo grande nas costas.

ETM. Castro (2001, p. 188) supõe ser origem banto, proveniente do quicongo ou quimbundo *ka(di)kunda*; enquanto Lopes (1993-1995, p. 60) afirma provir do quimbundo *kakunda*, ‘corcova, giba’. Houaiss e Villar (2001, p. 555) remetem à etimologia apresentada por Nei Lopes.

IA. Um dos falantes guineenses empregou a variante *caracunda*, ou *karakunda*. Já os angolanos, *curcunda*, *mulumbeiro* e *gibá*.

LOC.: Bacabal, Imperatriz, Caxias, Araioses e Alto Parnaíba.



Cambão *s.m.* Peça de madeira colocada no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado.

ETM. Para Lopes (1993-1995, p. 56), possivelmente provém do quicongo *kamba*, ‘par, dupla, dois’. Ele define *cambão* como “um pedaço de pau furado nas extremidades, utilizado para unir, umas às outras, duas ou mais juntas de bois”. Houaiss e Villar (2001, p. 583) dizem ser de origem duvidosa, mas apresentam a mesma definição que consta neste glossário.

IA. Um dos falantes guineenses denominou a referida peça como *karu*.

LOC.: Tuntum.

Camundongo *s.m.* Pequeno rato que costuma viver dentro das casas.

ETM. Castro (2001, p. 195) supõe ter origem no banto, podendo provir do quicongo ou quimbundo *kamindongo*. A autora conceitua o vocábulo como ‘ratinho caseiro’. Lopes (1993-1995, p. 68), por sua vez, supõe provir do umbundo *okamundongo*, ‘rato’. O autor destaca a variante *camundongo*, do quimbundo, que significa ‘indivíduo civilizado, cidadão’. Sugere, portanto, uma possível relação entre as variantes, já que esses pequenos ratos são tidos como animais urbanos no Brasil. Houaiss e Villar (2001, p. 590) concordam com Lopes quanto à definição e à etimologia.

IA. Os angolanos denominam esse rato como *djiquindor*, *rato* e *Joaquim doido*.

LOC. Araiões e Alto Parnaíba.

Canga *s.f.* Ver *Cambão*.

ETM. Castro (2001, p. 197) supõe ser de origem banto, do quicongo *nkanga*, que se refere ao tecido com o qual as mulheres sustentam a criança amarrada em volta do corpo. Para Lopes (1993-1995, p.71), entretanto, o étimo do vocábulo é controverso, sendo possivelmente do quicongo *kanga*, ‘ação de ligar’, sendo usado para denominar a peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro ou ao arado. Houaiss e Villar (2001, p. 597) dizem ter origem controversa; citam Nascentes e Cunha, que afirmam vir do celta *cambica*, ‘madeira curva’, mas também remetem a Lopes.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araiões, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.



Cangalha *s.f.* Armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas.

ETM Castro (2001, p. 197) afirma ser de origem banto, do quicongo *kangala*, definindo-o como “cesto posto em lombo de burro, para transportar galinhas, mantimentos, etc”. Lopes (1993-1995, p. 71), entretanto, afirma que o termo é de étimo controverso, possivelmente do quicongo *kanga*, “Peça de três paus, unidos em triângulo, que se enfia no pescoço dos porcos para que não destruam hortas”. Houaiss e Villar (2001, p. 598) supõem vir de *canga*.

IA. Um dos falantes guineenses nomeou a peça como *barcafon* e *cesto*; esta última variante também foi citada por um dos falantes angolanos.

LOC: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, São João dos Patos, Araioses, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Canguinho *s.m.* Pessoa que não gosta de gastar dinheiro e, às vezes, passa até dificuldades para não gastar.

ETM. Castro (2001, p. 198) afirma ser de origem banto, ‘pessoa pequena, atarracada’. Lopes (1993-1995, p. 72) supõe ser oriunda de “canhengue, através de uma forma diminutiva ‘canhenginho’”, significando ‘avarento’. Houaiss e Villar (2001, p. 598) não registram a lexia.

IA. Os guineenses usam as expressões *riso mão/risu maum* e *sat thif* para se referir à pessoa que não gosta de gastar dinheiro e, às vezes, passa até dificuldades para não gastar. Entre os angolanos, foram documentadas a expressão *mão de vaca* e as formas *agarrado*, *ambi* e *crocotó*. Os cabo-verdianos usaram a expressão *mão de vaca* e as formas *dxu*, *cheap* e *dju*.

LOC.: Imperatriz, Carolina e Alto Parnaíba.

Canhenga *adj.* Ver *canguinho*.

ETM. Castro (2001, p. 198) registra a forma *canhengue*, proveniente do quicongo *kaninge* ou do quimbundo *kinjenje*, que significa “avarento”. Lopes (1993-1995, p. 73) supõe que a lexia seja oriunda do quimbundo *njennji*, ‘avarento’, do quimbundo *kanhenge* “delicado, embora não estabelecamos uma relação. [...] o quicongo *ninga*, avareza”. Houaiss e Villar (2001, p. 599) além de se referirem ao étimo proposto por Lopes, citam a proposta de Nascentes, que afirma ser proveniente do quimbundo

kinjenje.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Turiaçu e Brejo.

Canjica: *s.f.* Ver *Angu*.



ETM. Castro (2001, p. 198) afirma ser do quimbundo *kanjika*, “papa de milho verde ralado a que se junta leite de coo, açúcar, cravo e canela”. Lopes (1993-1995, p. 73) afirma ser de etimologia controversa, apoiando-se nas diferentes suposições de outros autores, como Geraldo da Antônia Geraldo da Cunha, que afirma ter origem no português *canja*, Gilberto Freyre, que declara vir do ameríndio *acanijic*, e Antenor Nascentes, para quem o étimo provém do quimbundo *kandjika*. Lopes ainda acrescenta que a *lexia* também pode ter sua origem no quicongo *kanjika*, ‘papa de milho grosso cozido’. Houaiss e Villar (2001, p. 600) afirmam ser de origem controversa e remetem à discussão apresentada por Lopes.

IA. Um dos falantes angolanos declarou ter conhecido o alimento ao chegar ao Brasil. Em Angola, segundo ele, *kanjika* é uma papa salgada a base de farinha, a que se pode acrescentar carne, feijão e diversos temperos (Ver *angu*).

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Carolina, Alto Parnaíba, Araioses e Balsas.

Catinga s.f. Mau cheiro embaixo dos braços.

ETM. Castro (2001, p. 206) afirma ser de origem banto, do quicongo *kaninga* ou do quimbundo *katinga*, “cheiro fétido e desagradável do corpo humano, de certos animais e de comidas deterioradas”. Lopes (1993-1995, p. 81) assinala a origem controversa da *lexia*, baseando-se em “alguns autores (que) vão buscar como origem o guarani *kati*, ‘olor pesado’ (Corominas, 1983). Para nós, o étimo banto. [...] o quicongo *katinga*, cheiro repugnante da louça mal lavada ou reveladora da falta de asseio (Maia, 1964, p. 114); e o umbundo *okatinga*, mau cheiro do corpo de alguns negros (no texto racista de Guennec & Valente), que não pode ser considerado brasileirismo já que deriva de *tingu*, repulsa, rejeição, repúdio (Alves, 1951)”. Houaiss e Villar (2001, p. 653) registram a discussão apresentada por Lopes acerca do étimo e acrescentam ideias de Renato Mendonça, que discute a origem tupi e africana, de Geraldo da Cunha, que também propõe a origem tupi, e a de Joan Corominas, citada anteriormente.

IA. Os angolanos usam as formas *catinga* e *fedor* para denominar o mau cheiro embaixo dos braços; os



guineenses, por sua vez, usam as variantes *bafú* e *catinga*; e os cabo-verdianos, apenas *catinga*.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, São João dos Patos e Araiões.

Catita s.m. Ver *Camundongo*.

ETM. Para Castro (2001, p. 206), provém do quicongo ou quimbundo *ma-/ katita*, 'dança dramática folclórica'. A autora registra também a lexia *catito*, 'camundongo', também de origem banto, provindo do quicongo *katutu*, 'ratinho'. Lopes (1993-1995, p. 81) afirma provir de *catito*, do quimbundo *kaxitu*, 'pequeno animal, bichinho'. Houaiss e Villar (2001, p. 654), no entanto, parecem não concordar com a afirmação de Lopes. Segundo os autores, "é difícil precisar se todas as acepções decorrem do mesmo étimo".

LOC: São Luís, Bacabal, Tuntum, Codó, Imperatriz e São João dos Patos.

Corcunda s.f. Ver *Cacunda*.

HIB. Afri. *Cacunda* + Port. *Corcova*.

ETM. Castro (2001, p. 211) afirma ser de origem banto, formada a partir da junção de *cacunda* e *corcova*, palavra proveniente do português. Lopes (1993-1995, p. 92) também afirma ser resultado desse cruzamento. Houaiss e Villar (2001, p. 835) afirmam ter origem controversa, porém citam Antenor Nascentes, que também defende a ideia desse cruzamento.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Caxias, São João dos Patos, Araiões, Carolina e Balsas.

Cotó s.2 gen. Cachorro de rabo cortado.

ETM. Castro (2001, p. 213) afirma ser de origem banto, relacionado a *cotoco*, do quicongo *katoto*, plural de *bitoto* + português *toco*, sendo, portanto, um caso de hibridismo. Lopes (1993-1995, p. 93) não registra *cotó*, e sim *cotoco*, 'parte amputada de um animal'. O autor cita Antenor Nascentes, que afirma que a lexia é resultado do cruzamento do latim *cooto* e de *toco*, de possível origem banto. Houaiss e Villar (2001, p. 856) registram *cotó*, que apresenta, dentre outras definições, 'indivíduo que tem braço ou perna amputado'. Citando Antenor Nascentes, afirmam que a lexia

é uma acutização expressiva de *coto* que, por sua vez, provém do latim *cubitus*, que significa 'cotovelo'.



IA. Os angolanos empregaram as formas *cambua/kambuá* e *rafeiro*.

LOC: São Luís, Tuntum, São João dos Patos, Araiões e Carolina.

Cutuba s.f. Cigarro artesanal feito antigamente.

ETM: Para Castro (2001, p.216), é um adjetivo oriundo do quicongo (*ku*)*kuba/kiakuba*, 'tornar-se forte, valente'. Lopes (1993-1995, p. 97) assinala origem controversa, pois "Nascentes vê origem tupi. Arthur Ramos, (1954:89) remete ao quimbundo *kutumba*, ostentar-se, vangloriar-se. Raymundo (1933:124 - 125) discorre: 'kutuba é uma espécie de cinto usado pelos negros de uma tribo Rio Cunene em Huíla [...]. Para nós, o étimo é o etnônimo kutuba, designativo dos fortes, temidos e respeitados homens e mulheres daquele grupo subétnico da África Austral, da grande nação ovambo". Houaiss e Villar (2001, p. 899) aludem à colocação de Antenor Nascentes, citada anteriormente.

IA. Guineenses e cabo-verdianos empregaram a forma *tabaco*, e angolanos, *bula* e *cigalo*.

LOC.: Araiões.

Encabulado adj. Pessoa envergonhada.

HIB. Afri. *Encabular* + Port. –*ado*.

ETM. Castro (2001, p. 228) registra a lexia como um caso de hibridismo e direciona o leitor ao verbete *encabular*. Para autora, *encabular* provém do quicongo (*n*)*kivula* ou do quimbundo *kulebula*, 'envergonhar' ou *kuluva*, 'amuar'. Lopes (1993-1995, p. 105) não registra a lexia, mas, ao referir-se a *encabular*, sugere vir do quimbundo *kulebula*, que significa 'vexar, envergonhar'. Assim como os outros autores supracitados, Houaiss e Villar (2001, p. 1130) comentam a etimologia do verbo *encabular*, fazendo remissão ao trabalho de Lopes aqui citado. Acrescentam ainda que provavelmente provém da junção de *em* + *cabular*, tratando-se de um "brasileirismo do início da 3ª década de século XX; no Brasil, *cábula* adquiriu o significado de 'má sorte, infelicidade constante', que pode ter sido a ponte de criação do verbo *encabular* e seus derivados".

IA. Os cabo-verdianos e os angolanos empregaram a forma *tímida*, enquanto os angolanos usaram as formas *wakambó* *sonhi*, e os guineenses, *burgunho*.

LOC.: São Luís, Pinheiro e Alto Parnaíba.



Galinha de angola s.f. Ver *Angola*.

HIB. Port. *galinha* + prep. *de* + Afri. *Angola*

ETM. Lopes (1993-1995, p. 120) e Houaiss e Villar (2001, p. 1420) afirmam que a *lexia* se refere a uma ave galiforme originária da África, domesticada em diversos países de clima quente.

LOC: São Luís, Pinheiro e Codó.

Gangorra s.f. Balanço de criança formado por tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce.

ETM: Castro (2001, p. 240) supõe ser de origem banto, do quicongo *kangala* ou *kangula*, “balanço de crianças, formado por uma tábua pendurada em duas cordas”. Lopes (1993-1995, p. 122), apesar de lembrar que Macedo Soares vê o étimo no suaíle, afirma ser de origem banto, sem étimo definido, mas arrisca a fazer uma ligação com o quimbundo *buxanganga*, ‘arreburrinho’. O autor o define como “aparelho para diversão infantil, arre-burrinho. Houaiss e Villar (2001, p. 1425), por sua vez, afirmam que a *lexia* é de origem obscura e apresentam mais uma acepção além da contida neste glossário: “engenho primitivo de cana-de-açúcar, formado apenas por dois rolos de madeira entre dois esteios verticais. É provável que a motivação da acepção relacionada ao universo infantil esteja ligada ao formato desse engenho.

IA. Os guineenses empregaram as formas *balança/baulouço/balançu/balanço*, e os angolanos, *bailouço/bailonço*. Os cabo-verdianos, no entanto, declaram não saber como nomear o brinquedo.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Gogó s.m. Parte proeminente do pescoço dos homens; pomo-de-adão.

ETM. Castro (2001, p. 242) supõe ser de origem banto ou kwa, das línguas quicongo, fon ou yorubá, ‘pomo-de-adão’. Lopes (1993-1995, p. 124) afirma que a *lexia* tem etimologia controversa; possivelmente provém do umbundo *ngongo* ou do yorubá *gògòngò*. Houaiss e Villar (2001, p. 1462) citam que tradicionalmente a *lexia* é atribuída a uma alteração de *goela*, mas citam Lopes, que se contrapõe a essa afirmação.

IA. Entre os angolanos, registraram-se *gogó* e *gudogudu*. Para os guineenses é *cangoloch*, e, para os cabo-verdianos, *maçã de adão*.



LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araiões, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Inhaca s.f. Ver *catanga*.

ETM: Castro (2001, p. 254) afirma ser de origem banto, 'cachaça ruim que deixa morrinha; mau cheiro de corpo'. Lopes (1993-1995, p. 134) supõe que provenha de *yaka* (jaga), 'Senhor supremo; rei', título de soberano em uma das línguas de Angola. Houaiss e Villar (2001, p. 1618) registram duas entradas para *inhaca*: ¹inhaca 'fedor exalado por pessoas ou animais, bodum, catanga' com origem tupi, de *yakwa*, 'odoroso'; e ²inhaca "aquele que exerce o poder supremo, soberano, rei", característico da região da Angola, com origem proveniente de *yaka*, 'título de rei em uma língua banta'.

LOC.: São Luís, Imperatriz, Brejo e São João dos Patos.

Macumba s.f. Ato de colocar certos objetos em pontos específicos, como encruzilhadas, como parte de um ritual.

ETM: Castro (2001, p. 270) crê ser do quicongo ou quimbundo *makuba*, 'reza, invocação', referente à denominação genérica de manifestações religiosas de base congo-angolana, a sessões de feitiçaria e a manifestações religiosas afro-brasileiras. Lopes (1993-1995, p. 153-154) afirma ser de origem banto, mas étimo controverso. Faz menção à etimologia proposta por Jacques Raymundo, que supõe provir do quimbundo *macumba*, plural de *dikumba*, 'cadeado, fechadura' em função das "cerimônias de fechamento de corpos" presentes em rituais. Entretanto, crê que provém de *cumba*, 'feiticeiro', com possível adição do prefixo plural *ma-*, recorrente nas línguas africanas; ou ainda do quicongo *macumba*, plural de *kumba*, 'prodígios, fatos miraculosos'. O autor define *macumba* como 'designação genérica e pejorativa dos cultos afro-brasileiros e seus rituais'. Houaiss e Villar (2001, p. 1807) afirmam que a origem é controversa, pois não há consenso entre os pesquisadores. Citam a colocação supracitada de Lopes; a suposição de **Cacciatore**, que sugere que a lexia provém do quimbundo *ma* 'o que assusta' + *kumba* 'soar (assustadoramente)' ou do prefixo *ma* + *mba* 'sortilégio'; e também citam Antenor Nascentes e Jacques Raymundo, que afirmam que a lexia se refere ao plural de *dikumba*, do quimbundo, informação citada anteriormente por Lopes.



IA. Os cabo-verdianos usaram as formas *macumba*, *magia negra* e *maçonaria*. Os angolanos, por sua vez, empregaram *makumba* e *feitiço*, e os guineenses, as expressões *tira cimola/tira esmola*, *bota sorti* e *fasi djanfa*. Diferente dos outros lugares citados, em Guiné-Bissau, macumba é algo feito com o intuito de chamar sorte para si, daí provém a expressão *bota sorti*. Porém, quando outra pessoa mexe no objeto deixado nas encruzilhadas, essa pessoa acaba tomando a sorte do autor da macumba, fato que provavelmente motivou a expressão *tira esmola*. Para os guineenses, quando esses atos são feitos com o intuito de prejudicar alguém, são chamados de *feitiço*.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Codó, Turiaçu, Imperatriz, Brejo, Caxias, São João dos Patos, Araiases, Carolina e Balsas.

Macumbagem *s.f.* Ver *Macumba*.

HIB. Afri. *macumba* + Port. *gem*

LOC: Pinheiro.

Mingau *s.m.* Ver *Canjica*.

ETM: Lopes (1993-1995, p. 171) ressalta que, apesar da *lexia* ser admitida como de origem tupi, o ulofe, língua oeste africana registra *niangal*, ‘milho cozido em água e sal’; e o umbundo *ming*, ‘envolver pão ou pirão no molho’. Houaiss e Villar (2001, p. 1926) retomam a origem tupi da *lexia*, afirmando provir de *mingau* ‘comida que gruda’. De acordo com os autores, mingau é um “alimento cozido, de consistência cremosa, pastosa, feito geralmente de leite e açúcar, engrossado com cereais ou farinhas variadas (aveia, maisena, fubá de milho, arroz, etc)”.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Tuntum, Turiaçu, Imperatriz, São João dos Patos, Carolina e Balsas.

Mocotó *s.m.* Osso proeminente localizado na lateral dos pés; tornozelo.

ETM. Castro (2001, p. 285) sugere vir do quicongo ou quimbundo (*ma*)*kooto*, ‘pernas, patas’. Para a autora, *mocotó* significa “tornozelo; pernas grossas”. Lopes (1993-1995, p. 174) supõe que sua origem esteja no quimbundo *mukoto*, ‘pata do animal’. Houaiss e Villar (2001, p. 1940) o definem da mesma forma e relacionam sua origem ao tupi *mbokotog* ‘que faz balançar’.



IA. Os guineenses se referem a este osso do pé como *udju de pé/olho de pé*; os angolanos, como *tornozelo*. Os cabo-verdianos, por sua vez, não souberam denominar essa parte do corpo.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Bacabal, Tuntum, Imperatriz, São João dos Patos, Araiões, Carolina, Alto Parnaíba e Balsas.

Moleque *s.m.* Criança do sexo masculino entre 5 e 10 anos de idade.

ETM: Castro (2001, p. 287) supõe ser de origem banto, do quicongo, quimbundo ou umbundo *mi- /mu- / a- leke*, 'jovem, garoto'. Para a autora, *moleque* significa "menino, garoto, rapaz; meninote negro". Lopes (1993-1995, p. 175) supõe vir do quimbundo *muleke*, 'garoto, filho', ou do quicongo *mu-léek*, 'criança e da mesma raiz de *nléek* (pl. *mileke*), 'jovem, irmão mais novo'. O autor define *moleque* como "negrinho, indivíduo irresponsável; menino de pouca idade". Para Houaiss e Villar (2001, p. 1946), provém do quimbundo *muleke*, 'garoto, filho pequeno'. Destacam que é uma forma característica de Moçambique usada para denominar o "empregado doméstico (geralmente em idade escolar)".

IA. Os guineenses usaram as formas *puto*, *mininu/menino*, *bdok*, *rapazinho*; os angolanos, *criança*, *menino*, *puto* e *ndengue*; e cabo-verdianos, *criança* e *menine*.

LOC.: Imperatriz.

Mondongaria *s.f.* Ver *Macumba*.

HIB. Afr. *mondongo* + Port. *-ria*

ETM. Castro (2001) não registra *mondogaria*, mas define *mondongo* (p. 288), oriundo do quicongo *mungunu* ou *mundungu*, como 'veias, tendões, membranas, nervos, fígado e coração de certos animais, esses últimos oferecidos em sacrifício a um grande chefe ou a um inquite'. Lopes (1993-1995, p. 206) apresenta várias acepções para *mondongo*, dentre as quais merecem destaque: (1) "indivíduo sujo e desmazelado", do umbundo *mbondo*, 'sujeira', e (2) "intestinos miúdos de alguns animais", do quicongo *mungongo*, 'buraco, caverna', ou ainda do quicongo *um-ndya*, 'entranhas'. Houaiss e Villar (2001, p. 1950) afirmam que o étimo do vocábulo *mondongo* é controverso, mas de provável origem banto, ligado ao quicongo *mundongo*, 'escravo natural de Angola'. Os autores se referem à suposição de Lopes, citada anteriormente, e também à de Joan Corominas, que

relaciona o vocábulo ao espanhol *mondongo*, ‘intestinos, tripa’, e *mondonga*, ‘mulher que mata e destripa animais’.

LOC.: Pinheiro.

Prexeca s.f. Órgão sexual feminino; vulva.

ETM. Castro não registra a lexia. Lopes (1993-1995, p. 206) supõe ser de origem banto e define como “vulva”. Houaiss e Villar (2001, p. 2296) afirmam ser de origem obscura e também a definem como vulva.

IA. Os guineenses se referem ao órgão sexual feminino como *vagina*, *cona*, *kunu/cunu*, e *kidiki*; os angolanos, como *vagina*, *cona*, *mambo dela*, *chibita*, *chuchuta*, e *rata*; e os cabo-verdianos, como *vagina*, *cona*, *pipita*, *catota*, *caxinha*, *bria*, *garon*, *bol* e *tutucha*.

LOC.: Codó.

Sunga s.f. Ver *Gangorra*.

ETM. Castro (2001, p. 338) supõe vir do quicongo ou quimbundo *sunga*, ‘puxar pra cima, levantar’, definindo a lexia como “calção de criança; calções de banho de mar”. Registra, ainda, o verbo *sungar*, ‘levantar’. É provável que o uso da forma *sunga* para denominar gangorra esteja relacionado ao movimento de sobe e desce feito pelo brinquedo. Segundo Lopes (1993-1995, p. 239), provém do quimbundo *sunga*, ‘puxar’. Houaiss e Villar (2001, p. 2638) afirmam que provém do verbo *sungar*, oriundo do quimbundo *sunga*.

LOC: Balsas.

Tabaco s.m. Ver *Prexeca*.

ETM. Castro (2001, p. 339) supõe vir do quicongo ou quimbundo *mubaki*, que originou os termos *babaki*, *tibáki*, *tibaku*, ‘partes genitais da mulher’. A autora define tabaco como “vulva, partes genitais da mulher”. Lopes (1993-1995), no entanto, não registra a lexia. Houaiss e Villar (2001, p. 2652) apresentam várias acepções, dentre elas, “genitália feminina”, acepção comum no Nordeste do Brasil. Em relação à etimologia, afirmam provir do espanhol *tabaco*, ‘ervas de cujas folhas se faz o fumo’.

LOC.: São Luís, Pinheiro, Tuntum e Turiaçu.

Tabacuda s.f. Ver *Prexeca*.

HIB. Afri. *tabaco* + Port. –*uda*.

LOC.: Bacabal.

Xoxota s.f. Ver *Prexeca*.





ETM: Castro (2001, p. 354) afirma provir do quicongo *kisota*, 'clitóris, vulva'. Lopes (1993-1995, p. 264) supõe ser de origem banto. Houaiss e Villar (2001, p. 2898) afirmam ser de origem controversa. Os autores definem a lexia como 'genitália feminina'.

LOC: Tuntum, Codó, Turiaçu, Caxias, São João dos Patos, Araioses e Alto Parnaíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua, como destaca Levi-Strauss (apud CÂMARA JÚNIOR, 1995, p.188), "(...) é a um tempo resultado, parte e condição da cultura". É justamente essa natureza da língua que possibilita a seus usuários, por meio dela, veicularem seus valores, sua cultura. Nessa perspectiva, e considerando a presença maciça de línguas étnicas africanas no Brasil Colonial, cremos que se ratifica o que dizem Fiorin e Petter, no prefácio do livro *África no Brasil: a formação da língua portuguesa* (2008, p. 9): "As palavras africanas que aqui se perpetuaram não fazem parte apenas de uma lista de lexemas, mas constituem, antes, uma maneira de conceituar, de categorizar a realidade, cuja presença pode ser observada até mesmo quando nenhuma forma linguística africana pode ser identificada.". Vale ressaltar que a língua que falamos hoje é o resultado do contato que aqui se deu/dá de povos, línguas e culturas diversas; da contribuição, muitas vezes anônima, de todos aqueles que construíram/constroem este Brasil de muitos rostos e muitas vozes.

REFERÊNCIAS

BIDDERMAN, M. T. C. Glossário. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p. 135-144, 1984.

BRASIL. Decreto Nº 7.948, de 12 de março de 2013. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G. Brasília: Casa Civil (2013). Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D7948.htm. Acesso em 02 de julho de 2021.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. A conferência de Indiana entre antropólogos e linguistas. *Revista Brasileira de Filologia*, Rio de Janeiro, v. 1, t. 2, p. 188-189, dez./1955.

CARDOSO, S. A. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.



CASTRO, Y. P. de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

CORREIA, M. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Editorial Caminho, 2009.

FERREIRA, A. B. de H.. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma apresentado à câmara dos deputados pelo deputado Aldo Rebelo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Fortaleza, v. 25, p. 107-119, dez. 2000.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2014.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007, v. 3, p. 193-208.

HOUAISS, A. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.) *As ciências do léxico*. Campo Grande: UFMS, 2004, v. 2, p. 133-152.

LOPES, N. *Dicionário Banto do Brasil*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Centro Cultural José Bonifácio, 1993-1995.

MEIRELES, M. M. *História do Maranhão*. 3. ed. atual. São Paulo: Siciliano, 2001.

PRADO JÚNIOR, C. *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PUZZINATO, A. P.; AGUILERA, V. de A. A influência do elemento negro na nossa nacionalidade. *Afroatitudeanas*, Londrina, v. 2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/index.php>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

RAIMUNDO, J. *O elemento afro-negro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença Ed., 1933.

RAMOS, C. M. A. Projeto de Pesquisa Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Universidade Federal do Maranhão, 2016. 88f.

SANTOS NETO, Manoel. *O negro no Maranhão: a trajetória da escravidão, a luta por justiça e por liberdade e a construção da cidadania*. São Luís, 2004.



Recebido em 15 de abril de 2021.

Aprovado em 09 de julho de 2021.

AFRICAN WORDS IN MARANHÃO: A GLOSSARY ABOUT AFRICAN CONTRIBUTION TO MARANHÃO PORTUGUESE

Abstract: The African heritage, rooted in an indisputable way in the Maranhão culture, is also present in the language spoken in Maranhão; and it is the language that gives, through its lexicon, testimonies about social and political organization, culture, technological innovations, in short, the way of being integrated in the world of a certain social group. Considering this reality, this paper, of a geolinguistic nature (CARDOSO, 2010), aims to register, in the context of the lexicon (ILARI; BASSO, 2014), the presence of African languages in Portuguese spoken in Maranhão, based on data from the Linguistic Atlas of Maranhão (ALiMA), with a view to elaborate a glossary. Data from 14 locations that make up the network locus of ALiMA were considered. The glossary, with 37 entries, aims to contribute to the knowledge of the Brazilian Portuguese sociohistory, and to exalt the promotion of citizenship, when seeking to rescue the contribution African peoples for the formation of Brazil.

Keywords: Lexicon; Africanisms; Portuguese spoken in Maranhão.

197

ⁱ O Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), vinculado ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) tem como um de seus objetivos “descrever a realidade do Português do Maranhão para identificar fenômenos fonéticos, morfosintáticos, lexicais, semânticos e prosódicos que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no Estado” (RAMOS, 2016, p. 9). Para tanto, apoia-se nos preceitos da Geolinguística (CARDOSO, 2010), método dialetológico que objetiva documentar dados linguísticos e representá-los por meio de mapas geográficos, isto é, cartas linguísticas.

ⁱⁱ As questões do QSL que foram identificadas contemplam oito campos semânticos do questionário, a saber: Atividades Agropastoris (questões 044, 045 e 046); Fauna (questões 056, 059 e 079); Corpo Humano (questões 092, 093, 098, 100, 102, 112, 115 e 118); Ciclos da Vida (questões 119, 127, 128 e 131); Convívio e Comportamento Social (questões 135, 145 e 153); Religião e Crenças (questão 161); Jogos e Diversões Infantis (questão 181); e Alimentação e Cozinha (questões 197 e 199).

ⁱⁱⁱ Vale ressaltar que esses países apresentam a língua portuguesa como língua oficial e foram considerados alguns dos principais fornecedores de africanos escravizados para o Brasil, e mais particularmente para o Maranhão.

^{iv} Os pontos Raposa (MA 02) e Carutapera (MA 05) não foram incluídos neste trabalho, pois os inquéritos ainda não haviam sido realizados nessas localidades, quando da elaboração da pesquisa que originou este artigo.

^v O termo “entrada” refere-se a “Cada uma das palavras explicadas por um dicionário. Em geral as entradas são alistadas em ordem alfabética e na forma canônica ou lema” (BIDDERMAN, 1984, p. 138).

^{vi} Vale lembrar que o conceito atribuído ao termo neste glossário é referente apenas às informações dadas pelos informantes da pesquisa. Nos casos em que o item lexical apresenta mais de um significado, os demais podem não ser mencionado aqui, pois foram consideradas apenas as acepções atribuídas no momento das entrevistas.

